

DEIXEM DESCANSAR OS DEUSES*

por

Cáceres Monteiro**

Antes de ser um problema político ou técnico, a questão das gravuras rupestres de Foz Côa é um assunto de inteligência e de consciência de cidadania. Não há razões de ordem económica que justifiquem o injustificável, nem malabarismos tecnocráticos que conciliem o inconciliável.

A região do Côa encerra um carácter místico especialíssimo, uma atracção magnética que se sentiu, desde sempre, no ar daquela terra de fragas e giestas. Com a descoberta das gravuras, parte desse mistério ficou finalmente explicado, e aumentado. Uma frase de um paleontólogo do Museu do Homem de Paris forneceu o elemento essencial: o vale constituía um santuário dos homens da Pré-História.

Foram desastrosas, em todo o mundo (embora haja excepções na Europa), as tentativas para fazer coexistir as manifestações de “civilização” com os achados arqueológicos ou as riquezas naturais. De tudo o que vi, não sei o que será mais ruinoso: se a pressão dos hotéis e o comércio em cima das pirâmides de Gizé, se os néons nos túmulos Ming, os camelos escanzelados na Grande Muralha e o bricabraque junto ao túmulo das terracotas em Xian, se as barracas de hot-dogs nas ravinas das cataratas do Niágara, ou as danças de índios oxigenados sobre o Templo Maia do Zócalo da Cidade do México. No caso de se erguer o sonhado Parque Jurássico nas margens do Côa, o Estado português também poderia ir pensando em vender os Painéis de São Vicente num leilão da Sotheby's ou a Janela do Convento de Tomar para uma nova torre da 5ª Avenida.

Algumas semanas antes da descoberta das gravuras rupestres, e naturalmente sem adivinhar o que aconteceria, falei, num programa da TV2, em directo das muralhas de Almeida, àcerca da impressão que sempre me causara o denso manto de força divina que emanava da terra bruta e do céu de nuvens baixas. Lembro-

* Publicado na revista *Visão* de 25-05-95.

** Jornalista. Director da revista *Visão*.

-me de, numa outra ocasião recente, ter comentado esse magnetismo oculto com aquele que é porventura o filho mais ilustre daquelas terras, Eduardo Lourenço. Ele respondeu-me que sempre sentira o mesmo, que uma vez falara disso com Santana Dionísio que o registara nas páginas do *Guia de Portugal*. Imagino bem que todas estas considerações, provindas de quem, na infância, tantas vezes cruzou, pela madrugada, as margens xistosas e escarpadas do rio, por tortuosas estradas, em primitivas camionetas, de quem viu, inebriadamente, em cima de carros de bois, muito nascer do sol, aos solavancos pelos caminhos de terra e xisto das Terras de Riba Côa, pareçam ridículas e mesquinhas aos senhores do poderoso lobby da maior empresa pública portuguesa, a EDP. Mais me custa compreender que um homem inteligente como Mira Amaral não entenda o peso dos valores patrimoniais que se impõem. Não é lá por causa da BBC e do *Times*, porque os ingleses também andam à procura de petróleo no jardim do castelo de Windsor. É por nós próprios.

Gravuras para ver de submarino! Gravuras transportadas de helicóptero para um museu! A ser feito algo do género, quem a História responsabilizaria não seria os técnicos, mas toda a geração de contemporâneos. Se, agora ou no futuro, prosseguir a malbaratação dos desenhos rupestres, por delonga ou inépcia, o Governo será culpabilizado.

Vítor Oliveira Jorge, velho companheiro da política antes do 25 de Abril, acha que o caso está a evoluir favoravelmente, depois das declarações do ministro Marques Mendes sobre a não construção da barragem. No âmbito deste dignificante espectáculo de coesão... que o Governo dá em final de mandato, Mira Amaral declarou que as ordens que tem do primeiro-ministro são para continuar as obras. Acreditemos, contudo, que o arqueólogo tem razão, há motivos para algum optimismo. As declarações do primeiro-ministro encerram o compromisso de que não vamos ter um Luna Park com gravuras cortadas às postas junto à albufeira do Côa. As gravuras só fazem sentido na sua envolvência paisagística. Deixem descansar os deuses do Côa.